

*e que as estrelas se vejam daqui,  
para que continue a acreditar que há além.* [ S.B. ]

*and may stars be watched from here,  
so I keep believing there's beyond.* [ S.B. ]

Sabemos que os factos históricos devem ser situados, para a sua compreensão. O mesmo se pode aplicar às obras artísticas, em particular nos casos em que estas surgem em momentos com códigos estéticos, sociais ou políticos muito vincados ou quando se relacionam directamente com momentos-charneira.

Na epígrafe de *Antes que Adoeça*, de Sara Bichão, encontramos a marca cronológica, geográfica e anímica do período da sua criação. Sabemos assim que a escrita coincidiu com o confinamento domiciliário imposto em Portugal em Março de 2020, sob a ameaça da primeira progressão generalizada do novo coronavírus. Daí que o localizador geográfico seja «Lisboa», cidade onde a artista vive.

Esta é a única zona do livro que se poderá classificar como factual e informativa. Visualmente, imaginamos que se trata da âncora, ou, para utilizar uma expressão mais próxima do léxico da artista, das *raízes* do livro – note-se que qualquer das expressões prende à terra, liga ao chão. Além da data e local, com a designação *Quarentena*, ficamos imediatamente situados, por intenção da autora, num momento – que temos a consciência de ser histórico – e num estado de espírito em relação ao qual a generalidade das pessoas, em qualquer parte do mundo, reconhecerá hoje as suas características.

À data da elaboração do livro, desconhecíamos, naturalmente, que a este primeiro confinamento se seguiria(m) outro(s). Importa entender em que medida esta marca é intrínseca ao livro de Sara Bichão e por que motivo é importante que o leitor receba esta informação de antemão. Em primeiro lugar, porque a escrita e a produção dos desenhos coincidiram temporalmente com um corte específico de dois meses, que decorreu em paralelo ao despontar de uma

We are well aware that historical facts must be placed in time in order to be understood. We could say the same applies to artwork, mainly when these appear in moments with peremptory aesthetic, social or political codes or directly connected to key turning points.

The epigraph for *Before I Get Sick*, by Sara Bichão, alludes to the chronological, geographical and spiritual element referring to the time it was crafted. We, therefore, know that its creation coincided with the lockdown imposed in Portugal in March 2020, under the threat of generalised progression of the new coronavirus. Hence the geographic locator being “Lisbon”, where the artist currently lives.

This is the only section of the book that is factual and informative. Visually, we can imagine it being the anchor, or rather the *roots* of the book, in case one goes for an expression that is closer to the artist’s lexicon – take note that both are expressions that pierce into the ground and sink into the earth. In addition to the date and place, titled *Lockdown*, we are immediately situated, as the author intended, in a moment – we are mindful of its historical character – and a state of mind that most people, anywhere in the world, will recognise.

When this book started being worked on, we did not know, of course, that this first lockdown would be followed by other(s). It should be known how this element appears to be a core fragment in Sara Bichão’s book and why it is essential that the reader gets this information beforehand. On the one hand, both the writing and drawings coincided with a specific mandatory time out of two months, which occurred simultaneously with the birth of a new season, spring, which splendour can be felt throughout. On the other hand, and as a countercyclical epitome, if we could speak of a

estação, a Primavera, cujo fulgor ali tanto sobressai. Por outro lado, e como que em contraciclo, se pudéssemos falar de um estado de alma transversal ao período pandémico, este seria pautado pela menção, *ad nauseam*, da incerteza e, em termos de comunicação, pela saturação da esfera virtual.

Muitos artistas viram, neste contexto, a sua vulnerabilidade ainda mais acentuada, além de dificultadas a apresentação e recepção pública do seu trabalho. A última exposição individual de Sara Bichão, apresentada na Galeria Filomena Soares, intitulou-se *Qual é a coisa, qual é ela*. A inauguração ao público aconteceria a 12 de Março de 2020. Dez dias antes surgiram os dois primeiros casos do novo coronavírus em Portugal; os números avolumavam-se de dia para dia. Foi nesse dia que as escolas foram encerradas; pouco de-pois, decretava-se o estado de emergência e o primeiro confinamento. Ao intenso ritmo de trabalho preparatório da exposição, ao empenho físico e psicológico inerente à produção de obras de grande escala, em contexto fabril, à posterior instalação no espaço expositivo seguiu-se o vazio e o silêncio, as obras instaladas *in situ*, sem público para as conhecer. Foi no rescaldo dessa inauguração nula que a artista mergulhou na escrita e no desenho como prática diarística, fantasiosa, sensorial, expansiva e fecunda, de um só fôlego.

\*

Se utilizarmos a escala da mão, o livro tem as dimensões de uma palma pousada. Concebido com uma tônica na manualidade, aliada à convocação de saberes especializados, nomeadamente quanto à encadernação, gravura e paginação, foi pensado como um trabalho a várias mãos. Por esse motivo também, apresenta-se como um objecto sedutor, impregnado de uma sensação de preciosidade. Para tal contribuem também o cuidado depositado na escolha de cada material empregado, que denota a valorização de cada componente.

Logo na capa, uma insígnia, cunhada por um gesto firme, alerta para o potencial simbólico que iremos encontrar no interior da obra. Este emblema sugere uma derivação de uma flor-de-lis, elemento

disposition of the soul overlapping the pandemic period, it would be guided by the perpetual mentioning of uncertainty and, as far as communication goes, the saturation of the virtual sphere.

In this context, many artists witnessed their vulnerability amplify, along with the struggle of (not) displaying their work to the public. Sara Bichão's last solo exhibition was at Galeria Filomena Soares, entitled *What Is the Thing, What Is It*. The opening took place on 12 March 2020. The first two cases of the new coronavirus appeared ten days before; numbers were increasing by the day. Schools closed on that day; not many days after, a state of emergency was declared, and the first lockdown was upon us. After intense preparation for the exhibition, the physical and mental dedication associated with producing big-scale pieces, in a factory, and the subsequent installation on the specific space, there was emptiness and silence; the pieces were installed *in situ*, with no audience to meet them. In the aftermath of that vacant opening, the artist delved into writing and drawing as a diary-like, whimsical, sensory, expansive, fertile practice – in one gulp.

\*

If we use the hand as a scale, the book has the dimensions of a palm resting on its surface. Conceived with an emphasis on handmade qualities, combined with the gathering of specialised know-how, namely in bookbinding, engraving, and page makeup, the book was meaningfully patched by several hands. That is also why it is shown as a seductive object, oozing a sense of preciousness. The careful selection of the materials clearly shows the appreciation for each component.

Right on the cover, an insignia, coined by a firm gesture, alerts for the symbolic potential we will find inside the book. This representation suggests it derives from a fleur-de-lys, a heraldic element traditionally associated with purity and spirituality. In this case, the three “petals” are pointing in the same direction. This emblem brings three dominant images together – flower, flame, bird, as

heráldico, tradicionalmente associado à pureza e à espiritualidade. Neste caso, as três «pétalas» apontam na mesma direção. Esta figura congrega três imagens dominantes – flor, chama, ave, como se se tratasse de uma adaptação de um símbolo, um carimbo pessoal. Em qualquer dos casos, esses elementos pertencem ao mundo natural e atravessam livremente todo o livro, em diferentes formulações, ora através do texto, ora do desenho.

O título evidencia uma ameaça latente, ligada à ideia de doença. Perante essa possibilidade, resta antecipar-se: observar antes que adoça; escrever antes que adoça; registrar, transfigurando; declarar o amor, antes que adoça. Não por acaso, o último poema do livro é: «You are / grace / the / love / of / my / life / ( fim )». Porém, note-se que o livro não se intitula *Antes de Adoecer* e sim *Antes que Adoça*. Observar, escrever, registrar, transfigurar, declarar, *para não adoecer*. E entendemos aqui que a doença enunciada no título possa não comportar apenas a condição física: criar antes que enlouqueça? A partir daqui, entramos no livro e saímos do chão.

\*

Em *Antes que Adoça*, há como que um jogo de equivalências: a palavra como escultura, os poemas como espaço. Com efeito, a artista trabalha a palavra como matéria plástica e ataca o espaço com a visão transformadora, de modo semelhante a quando opera sobre os objectos, metamorfoseando-os. É disso exemplo: «I imagined cutting the whitish ornamented ceiling of my bedroom with a huge knife and taking out a solid slice of delicious strawberry cake» (p. 27). Desenho e escrita acompanham-se, complementam-se, como numa conversa situada abertamente no campo poético. Certas frases assemelham-se a aforismos.

A escrita tem integrado alguns desenhos da artista, conquistando cada vez maior protagonismo nos títulos das obras e das exposições; surgiu enquanto prosa, no contexto da exposição «Clorophilia» na galeria Porta33, em 2020, com *O Golfinho Verde*, uma breve narrativa ficcionada. A produção artística de Sara Bichão tem-nos

if it were an adaptation of a symbol, a personal stamp. In any of the cases, these elements belong to the natural world and freely traverse the entire book in different constructions through texts or drawings.

The title points out a dormant threat concomitant to the idea of illness. Given that possibility, one must forestall: to observe before one gets sick; to write before one gets sick; to register by transfiguring oneself; to declare love before one gets sick. It is no coincidence that the last poem in the book is: “You are / grace / the / love / of / my / life / ( the end )”. However, note that the book is not titled *Before Getting Sick* but *Before I Get Sick*. To observe, to write, to register, to transfigure, to declare, *to not get sick*. And it is now we understand the illness mentioned in the title may not be solely in physical terms: to create before one goes insane? From here, we enter the book and leave the ground.

\*

In *Before I Get Sick*, there is an equivalence game of sorts: the word as a sculpture, the poems as space. In fact, the artist operates the word as if it were plastic matter and attacks the space with her transforming vision, in a way similar to when she works on objects by transfiguring them. An example of that is: “I imagined cutting the whitish ornamented ceiling of my bedroom with a huge knife and taking out a solid slice of delicious strawberry cake” (p. 27). Drawing and writing go together, complement each other, like a conversation openly placed in the poetic field. Certain sentences are like aphorisms.

The writings have been part of some of the artist’s drawings, becoming more and more key (p)layers in titles of works and exhibitions; they first emerged as prose, within the context of the exhibition “Clorophilia” at Porta33 gallery, in 2020, with *The Green Dolphin*, a short fiction tale. Sara Bichão’s artistic production has often been conducting us to enigmas. Her writing also points us towards possible paths, although they do not guide us: it runs like

colocado frequentemente perante enigmas. Também a sua escrita aponta caminhos possíveis, mas não nos guia: escapa-se como um animal veloz, furta-se a categorias estanques. No seu discurso, visual e textual, agregam-se elementos inesperados. Tomamos-lhe o pulso, inferimos a temperatura. Num jogo permanente entre o que é e o que pode ser, numa oscilação entre a precisão acutilante – como acontece num desenho a tinta-da-china – e o movimento expansivo, do estilizar de sentidos. Filtrada, embora não propriamente hermética, constatamos a presença assídua da alegria, da graça e da leveza. Intuição e espontaneidade são dominantes quanto ao estilo, como se as palavras se soltassem ao correr da pena.

Há uma alternância fluida entre o português e o inglês: um e o outro idioma são utilizados conforme veiculem melhor o conteúdo pretendido. Também por esse motivo não se espere encontrar, no final uma tradução fiel de uma para a outra língua e sim a que melhor expressar a ideia da autora. Do mesmo modo, como no desenho situado à esquerda de «Eu não», a sobreposição de corpos, realizada a partir de linhas que ora se encontram ora divergem, gera uma interligação complementar de elementos, de dois corpos. A tradução não é, pois, propositadamente, exacta. Sara Bichão conserva, para cada idioma, propriedades diferentes que deseja salientar. Um exemplo, da epígrafe: «Lisboa» surge como «home» em inglês. Mais do que propriamente uma tradução, podemos considerar que há duas versões, consoante o pensamento se processe numa ou noutra língua.

Uma vez que o texto é impresso e não manuscrito, a caligrafia não é utilizada como um recurso, ao contrário do que acontece habitualmente na poesia visual. A fisicalidade das palavras provém, pois, da qualidade visual que transportam em si mesmas e não da sua forma gráfica de agregação na folha – embora a posição do texto possa revelar ou sublinhar sensações do texto ou do desenho como, por exemplo, o peso.

O lugar do desenho é, quando isolado, na página esquerda e o do texto, na página direita. Apenas quando o desenho se estende a duas páginas esta regra se quebra. A relativa transparência do papel permite ver o desenho no verso da página de um poema ou vice-versa,

a swift animal; it evades rigid categories. In her speech, visual and textual, unexpected elements come together. We take its pulse; we gather its temperature. In a permanent game between what is and what might be, as an oscillation between the gashing precision – as if drawn with Indian ink – and the expansive movement, the shattering of the senses. Filtered, though not exactly airtight, we ascertain the regular presence of joy, grace and lightness. Intuition and spontaneity are dominant in style, as if words were cast off as they come.

There is a fluid interchange between Portuguese and English: both languages are used following the intended content. That is also why one should not expect to find a faithful translation from a language into another at the end, but rather one that voices what the author desires. The same happens with the drawing located to the left of “Eu não” (*I do not*): the overlapping of bodies, which lines touch and diverge in different points, creates a balancing intersection of elements, of two bodies. The translation is not, in fact, purportedly exact. Sara Bichão preserves other properties she wishes to emphasise for each language. The epigraph shows an example of this: “Lisboa” (*Lisbon*) appears as “home”. More than a translation, one can contemplate two versions, in keeping with the way the thought is processed in both languages.

The text is printed, not handwritten; therefore, handwriting is not used as a resource, as opposed to what usually happens in visual poetry. Thus, the physicality of words comes from the visual quality they carry within themselves, not from their graphic form on the page – though the positioning of the text may reveal, or underline, sensations brought to life by the text or the drawing, such as its weight.

The drawing is placed, when alone, on the left page, and the text on the right page. Only when the drawing spreads two pages is this rule broken. The relative translucence of the paper allows us to see the drawing on the back of the page holding a poem or vice versa, intentionally revealing the back of the drawings, as if each one were a body.

e revelar, intencionalmente, as costas dos desenhos, como se cada desenho constituísse um corpo.

\*

*One / the other*

(*One*)  
(*two*) [ S.B.]

A dinâmica da colaboração é recorrente na prática artística de Sara Bichão. Em vários momentos, a troca, o desafio mútuo, a comunicação alimentam e geram pensamento, numa reacção ao inesperado e ao construir em conjunto, passo a passo. Recorde-se, por exemplo, o encadeamento dialógico do jogo epistolar com Miguel Ângelo Rocha, na forma de desenho (*One Thing After Another*, 2013); a troca de objectos com Manon Harrois (*Quando somos 2, somos três*, 2018), e, com a mesma artista, a manipulação e transformação conjunta de uma obra ao longo de mais de três horas (*Now This Is Fucking Too Hot*, 2017), em tensão relacional, lúdica, em igual medida.

Foi com Kirstin O., escritora, aquando de uma residência na Cité des Arts, em Paris, em 2019, que essa troca se focou no texto escrito, abrindo portas a uma nova via. Em *Antes que adoeça* não temos acesso à resposta, mas o outro sobre quem se escreve, que se descreve, que é o sujeito desenhado e para quem se escreve, é uma presença que atravessa o livro.

O corpo assume centralidade: tanto o próprio, através da mobilização dos sentidos, como o corpo do outro, que é rememorado ou com o qual se comunica *on-line*. A comunicação virtual soma-se como terreno fértil para a desejada criação de equívocos, para desafiar o outro.

\*

A natureza é, desde há muito, um dos lugares fundadores do léxico do trabalho de Sara Bichão. Neste caso, há uma dicotomia entre o «lá fora», do exterior, e o mundo da casa. Na verdade, seria porventura

\*

*One / the other*

(*One*)  
(*two*) [ S.B.]

Collaboration is a recurrent theme in Sara Bichão's work. On several occasions, the exchange, the mutual challenge, the communication nurture and create a line of thought in a reaction to the unexpected and the building together, step by step. Let us go back, for example, to the dialogic sequence of the epistolary game with Miguel Ângelo Rocha in the form of drawings (*One Thing After Another*, 2013); the object exchange with Manon Harrois (*When We Are 2 We Are Three*, 2018) and the shared manipulation and transformation of a piece, with the same artist, for over three hours (*Now This Is Fucking Too Hot*, 2017), in relational, playful tension, in equal measure.

It was with Kirstin O., writer, during a residency at Cité des Arts, in Paris, in 2019, that this exchange propelled the written text, making way to a new path. In *Before I Get Sick*, we don't get hold of the answer, but the *other*, a presence that runs across the book, which she writes about, portrays, draws, and writes to.

The body becomes pivotal: its own, through the convocation of the senses, and the other's, which is remembered, or with which one communicates online. Virtual communication adds to it as fertile ground to the intended creation of misconceptions, to challenge the other.

\*

Nature has long been one of the founding refuges of the lexicon of Sara Bichão's work. In this case, there is a dichotomy between the "outside", the outer world, and home. In fact, it would perhaps be fairer to state that there is a sort of coexistence, as if both spheres could be together by means of the imagination.

Adding to the neediness of the street, the smells, the noise, the daily observation and the experience, the author resorts to, on

mais justo afirmar que há uma coexistência, como se ambas as esferas pudessem estar juntas, por via da imaginação.

À carência momentânea da rua, dos cheiros, do ruído, da observação quotidiana e da experiência, a autora recorre, por um lado, à observação possível, distanciada, através da sua janela, e, por outro, a evocações da natureza.

O corpo em estado de latência é acompanhado pelas dinâmicas do mundo natural. Os ritmos sistemáticos ou os acontecimentos episódicos vinculam a temporalidade e confortam pela sua regularidade. Como se encontrasse na natureza um paralelismo reflexivo, a autora observa as aves, que terão de fazer-se à vida ao caírem do ninho. E como que questiona, ao relatar a queda de um limão durante uma tempestade, se será esse destino (a queda acidental) melhor do que o dos demais, talvez por assim não ter sido colhido.

\*

«Com uma enorme liberdade», respondeu-me Sara Bichão de rajada quando lhe perguntei como se sentiu quando se lançou à escrita, sentimento comum a muitos escritores quando se referem ao seu primeiro livro, o único que se escreve com a espontaneidade anterior a ser-se um autor publicado. Esta sua afirmação põe a nu a ousadia de quem rasga um território novo, atravessando-o com vontade. Por outro lado, parece evidenciar a familiaridade de quem tem a sensação de que conhece um caminho por onde nunca se meteu.

Uma pessoa a quem apresentei a Sara, há mais de uma década, disse-me, no final desse encontro: «A Sara tem sangue na guelra!» Ao observar a evolução do seu trabalho e a sua animalidade indomável, percebo que este é um dos elogios mais certos que lhe poderiam fazer.

the one hand, the possible observation at a distance, through her window, and, on the other, the evoking of nature.

The pace of the natural world keeps up with the latent body. The regular rhythms or occurrences accentuate temporality and provide comfort thanks to its consistency. As if she could find in nature a reflexive parallel, the author observes what happens with birds when they fall out of the nest and have to learn how to live by themselves. And somewhat questions, when reporting a lemon falling from the tree during a storm, if that fate (the accidental fall) is better comparing to what happens with the others, perhaps because it wasn't picked.

\*

“With great freedom”, said Sara Bichão promptly when I asked her what she felt when she started writing, a recognisable feeling to many writers when referring to their first book, the only one that is written with the spontaneity that comes before being a published author. Her statement unveils the boldness of someone breaking new ground and crossing it with great intention. In turn, it seems to point out the familiarity of someone who knows a path she'd never travelled before.

I introduced Sara to someone, over a decade ago, who told me right after: “Sara has fire in her belly!” When I see how much her work has evolved and her untameable nature, I realise that this is one of the most spot-on compliments anyone could ever give her.